

Saúde de primeiro mundo para carente

Médicos americanos atendem de graça até amanhã no Hospital Universitário. Tratam de dentes, fraturas e problemas de visão

Eles poderiam estar descansando numa praia ou nas montanhas. Mas sete médicos e quatro enfermeiros norte-americanos vieram ao Brasil para repetir o ofício de sempre: consultar, operar e tratar doentes. Desta vez com uma diferença: sem ganhar absolutamente nada por isso. Até amanhã, eles farão consultas e até cirurgias nas áreas de oftalmologia, ortopedia, clínica geral e odontologia no Hospital Universitário de Brasília, na 605 Norte. O atendimento será das 7h30 às 17h30. Eles vão doar 2 mil óculos, tratar de dentes, dores, fraturas e deformações nas pernas e pés.

"É uma satisfação pessoal dar alguma coisa para pessoas carentes", diz o ortopedista Bert Mckinnon, que já participou de equipes de voluntários na Nicarágua e no Vietnã. "É muito melhor ajudar as pessoas. Ir para a praia é muito chato", concorda a optometrista (especialista em óculos) Julie Anthony, que trouxe um equipamento de 20 mil dólares para fazer testes de visão. "Estamos aqui para ajudar os pobres", resume o ortopedista Kelly Reber, que morou no Brasil 20 anos atrás.

A equipe é formada por um optometrista, um clínico geral, um anestesista, dois ortopedistas, quatro enfermeiras e dois dentistas. Os médicos deverão atender cerca de 500 pessoas nos três dias. E viraram notícia mesmo antes de chegar a Brasília. "Ontem (anteontem) veio uma porção de gente aqui perguntar se eles tinham começado a atender", afirma a recepcionista do ambulatório.

A pequena Gisléia, 8 anos, teve sorte. A mãe, Iraci Seidel, perdeu a consulta que há dois meses vinha tentando marcar com um oftalmologista. Foi encaixada para ser atendida pela médica americana. "Ela chora de dor nos olhos", conta a mãe, que mora no Jardim Ingá.

Mas a passagem rápida dos médicos pelo hospital não vai resolver a deficiência do atendimento. "O sistema está atrapalhado. Não tem vaga. E para marcar, a pessoa tem que ficar ligando todos os dias", é o que informa a recepcionista.

FILANTROPIA

A maioria da equipe não fala uma palavra de português, veio pela primeira vez ao Brasil e mora em Flagstaff, no Arizona. É o caso do dentista Terry Morris, de 56 anos. Aposentado, ele estava terminando de construir sua casa. Mesmo assim, deixou mulher e sete filhos para embarcar nessa aventura filantrópica. "Eu queria vir para ajudar alguém. Como médico, a melhor coisa é não se preocupar com o dinheiro."

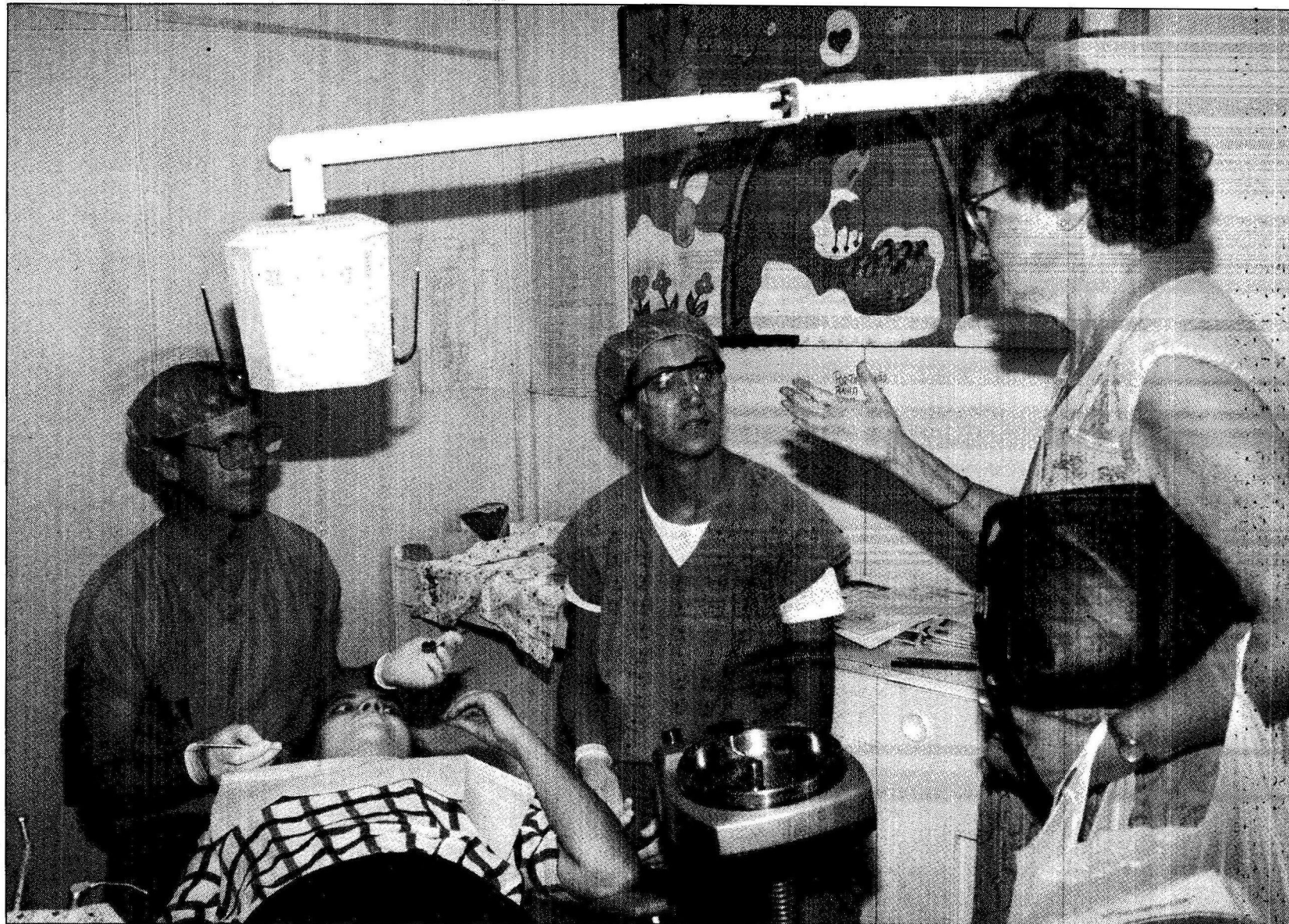
Especialista em operações para corrigir deformações no pé e problemas nas juntas, o ortopedista Bert Mckinnon trouxe a tiracolo um equipamento de 60 mil dólares. "Nós sabemos que aqui há médicos treinados, mas o povo não tem como pagar", afirma. Nos Estados Unidos, Bert cobra 150 dólares a consulta e de 3 mil a 4 mil dólares a cirurgia. Aqui, fará todo o trabalho de graça. "Em qualquer lugar do mundo, as pessoas pensam e sentem as mesmas coisas", diz, sensibilizado.

Além de curar, os médicos e enfermeiros querem ensinar e aprender. Aos 43 anos, Karen Fitman é enfermeira. Assiste pacientes que saem de cirurgias em geral e partos. Mas acha que saúde depende de cuidados básicos. "O mais importante é a medicina preventiva, como tomar vacinas e fazer bons exercícios, boa dieta e boa higiene", explica.

IRMÃ DULCE

O grupo foi organizado por uma brasileira que mora há 50 anos nos Estados Unidos. Dona de uma agên-

Adauto Cruz



Os dentistas Terry Morris e Ruth Skobel ouvem instruções da organizadora do mutirão médico, Mercedes Foster, enquanto examinam paciente.

cia de viagem, Mercedes Foster dedicou mais da metade de sua vida a ajudar pessoas carentes. Todos os meses Mercedes manda para o Brasil 200 quilos de roupas, brinquedos, remédios e material hospitalar para Salvador e São Luís. A cada trimestre também despacha duas toneladas de donativos em navios. "Acho que já mandei mais de 10 milhões de dólares em 15 anos", calcula.

O trabalho assistencial se consolidou em 1964, quando Mercedes foi a Salvador conhecer Irmã Dulce, que morreu em março de 1992. "Foi amor à primeira vista", diz. Impressionada com o carisma, a bondade e

a dedicação da religiosa, Mercedes criou a Fundação de Caridade Irmã Dulce em 1983.

A maior dificuldade não é conseguir doações. Em leilões, Mercedes compra roupas infantis com uma ou duas notas de um dólar. Também recebe ajuda de entidades e empresários norte-americanos e até brasileiros. A Vasp transporta gratuitamente, por mês, 100 quilos em donativos para obras sociais no Brasil.

"A burocracia na alfândega é o que mais atrapalha. Há dois anos mandei cadeiras de roda para leprosos. Estão na alfândega até hoje", reclama Mercedes. "O Ministério da

Saúde e a Receita Federal têm de dar mais apoio. Se não colaborarem, os meus doadores vão parar de ajudar o Brasil", alerta.

Esta é a quinta viagem que Mercedes organiza ao Brasil. As primeiras foram para o Hospital Santo Antônio, mantido pela Irmã Dulce. "O hospital tem 1.100 camas e a UTI mais moderna da capital. Não precisavam mais", diz Mercedes.

O esforço e os contratemplos — ontem, por exemplo, o grupo ficou mais de uma hora esperando o ônibus no hotel — são recompensados. "Só ver o rosto das pessoas que são ajudadas dá um conforto enorme na

gente", resume Mercedes. Algumas histórias são memoráveis. "Em São Luís, um velhinho falou: Deus salve o americano. Fez 17 biturações e não doeu", conta Mercedes. "Uma senhora estava juntando dinheiro há dois anos para comprar óculos que ganhou da gente", lembra.

SERVIÇO

A Fundação de Caridade Irmã Dulce recebe qualquer tipo de doação ou donativo. Quem estiver interessado em ajudar pode entrar em contato com Mercedes Foster no seguinte endereço: 14615 Ventura Blvd. Suite A — Sherman Oaks, CA — USA 91403. Os telefones são (818)990-4995, (213)738-6012 e (310)798-4761